

ÁGUA DE NAGASÁQUI

Domingos Carvalho da Silva

“MINHA VIDA é muito mais complicada do que uma novela policial” — disse-me o japonês ao erguer-se da mesa do carro-restaurante. E acrescentou: “Um dia contarei tudo ao senhor.”

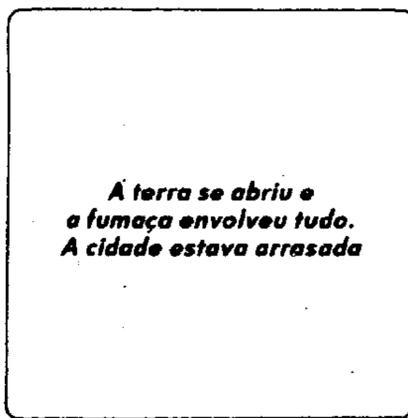
Ora, nós nos conhecêramos apenas meia hora antes, naquele trem da Alta Paulista. Conversáramos sobre vários assuntos e eu lhe dera algumas informações profissionais sobre parcerias agrícolas. Dos problemas da parceria tínhamos passado aos do cinema e destes aos da novela policial. Hoje estou certo de que a vida de Takeo pode servir de tema a uma novela co-movente.

Trocamos os nossos cartões de visita e um ano correu sem que eu tivesse notícias do nipônico. Mas um dia fui surpreendido por uma longa carta de difíceis garranchos que alinhavavam uma língua mista e quase indecifrável.

Corri os olhos pelas garatujas e joguei, desanimado, a carta ao fundo de uma gaveta. Meio ano depois, ao ter notícia do estranho fato que estava celebrizando o cemitério de S. José do Abacateiro e recordando que o japonês me falara sobre tal localidade ainda não mencionada nos mapas do Estado, corri à gaveta e iniciei a leitura, tradução e decifração daquelas vinte folhas fechadas pela assinatura de Takeo Matusaki.

I — “NACI EM CHIMABARA” — Não foi fácil arrumar em frases claras o emaranhado de palavras que se acotovelavam no papelório do nipão. Na verdade reescrevi a carta, aproveitando-lhe as idéias e informações e omitindo alguns elementos desnecessários, inclusive o meu nome, que se repetia na abertura de todos os parágrafos, estropiado mas reconhecível. A versão que aproveitei é a que tem início na linha seguinte.

“Nasci em Chimabara, cidade plantada no lado oriental de uma ilha perto de Nagasáqui, e tinha onze anos quando o Imperador entrou na guerra mundial. Nessa época morávamos na Ilha Quiu-Chu, em Facuoca, e meu pai exercia o ofício de mecânico. A guerra não o deixou em casa: seguiu como mecânico de viaturas. Então eu e minha mãe fomos para a casa de uma tia, em Omura, subúrbio de Nagasáqui. Lá vivemos alguns anos e eu ia crescendo enquanto meu pai servia nas ilhas do Pacífico.



II — O COGUMELO — Apesar de tudo a vida era agradável. As notícias da guerra eram sempre boas e na escola falava-se todos os dias de incríveis atos de heroísmo. Mas houve em nossa vida aquele momento em que ouvimos um estalo e tivemos a impressão de que a terra se fendera de cima a baixo. Um clarão iluminou o céu, do lado de Nagasáqui, e depois um enorme cogumelo de fumo se plantou, frondoso, sobre a terra, e foi subindo vagorosamente.

Os dias seguintes foram marcados por uma chuva de boatos e tudo era confuso. Eu e outros meninos começamos então a nos aproximar das cinzas de Nagasá-

qui, embora tal coisa fosse ferozmente proibida.

Renovavam-se os avisos: ninguém deveria chegar perto da cidade arrasada. Ninguém deveria beber a água dos riachos e das fontes da região. E nós, que ouvíamos as recomendações, jurávamos não beber tal água. Mas a verdade é que — como vocês ensinam — ninguém pode dizer “dessa água não beberei”...

III — OS FRUTOS DA MORTE — As semanas e os meses correram e as cautelas foram relaxando. Nos matos apareciam animais deformados, arbustos diferentes, e nas árvores surgiam frutos jamais vistos. As mães recomendavam: “Não comam esses frutos”; mas o fruto proibido é uma tentação em qualquer parte e a água proibida não é menos tentadora. Por isso bebi água de muitas fontes e comi frutos espantosos. Nada me aconteceu, embora tenham morrido alguns rapazes que beberam e comeram. Outras causas os mataram, naturalmente.

Alguns meses depois do armistício meu pai voltou incólume, apesar dos lança-chamas. Lamentou os parentes mortos em Nagasáqui e resolveu procurar emprego em lugar distante. Achou-o, graças a um camarada de companhia, em locoama, o grande porto a meia hora de Tóquio. Seguimos para lá mas, para não passarmos por Hirochima, embarcamos em Nacatso e fomos por mar até Osaca. Lá apanhamos um trem e fomos por Quioto, Nagoia, Ocasáqui, Odaúra e pronto: estávamos em nossa nova terra. A viagem foi belíssima, apesar da tristeza geral e das tropas de ocupação.

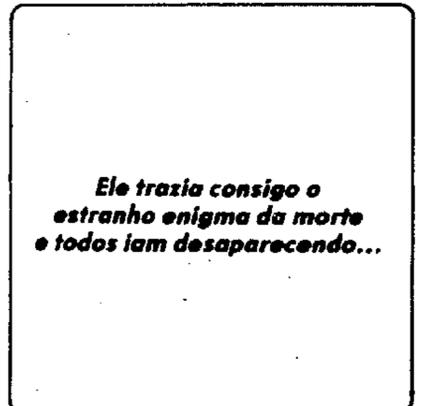
Um mês depois meu pai teve de ir a Camacura e levou-me para que eu visse o Daibutsu. Devo dizer que éramos budistas da seita Xin-Xu, fundada pelo venerável Shinhran. Logo depois fomos conhecer a grande capital do Império. Passamos por Canagava e Canasáqui e chegamos a Chinagava, o primeiro subúrbio. De lá meu pai dirigiu o caminhão para Tacanava e já estávamos na cidade imensa. Ainda me lembro do deslumbramento com que vi a Avenida das Lanternas, tão falada na escola!

A vida ia correndo bem mas, em fins de 46, meu pai começou a queixar-se de sintomas estranhos. Dois meses depois estava num hospital e morreu em princípios de 47. As explicações dos médicos não foram nada claras, mas um enfermeiro deu-nos o diagnóstico terrível, com um neologismo não menos maligno: o senhor Matusaki foi *nagasaquiado*.

IV — LUTO NO ASILO — Ficamos na maior penúria e comecei a fazer alguns serviços no cais para que minha mãe não passasse fome. Essa responsabilidade não pesou sobre os meus ombros muito tempo. Como o marido, ela começou a definhar e, antes do fim da primavera, fechou as pálpebras.

Ninguém estranhava que pessoas vindas da Ilha de Quiu-Chu morressem e, por isso, eu também tinha medo que chegasse a minha vez. Não sem algum pânico corri para Tóquio na esperança de que certa família amiga me acolhesse. Mas o que essa pobre família — cujos homens tinham morrido, quase todos, nas Filipinas e em Sumatra — pôde fazer por mim foi recolher-me a um asilo nos arredores da cidade. Eu já era, porém, talado e fiquei lá menos de dois anos.

Não foi um estágio tranqüilo. Quando lá cheguei nem todos os meninos eram saudáveis. Alguns tinham vindo de Hirochima ou arredores e houve mesmo dois ou três que morreram no primeiro ano de minha permanência. Nos três ou quatro meses seguintes morreram mais três que eram, aliás, meus companheiros de dormitório. E quando saí de lá, para ocupar um emprego de ajudante de mecânico em Chinagava, deixei mais dois na enfermaria. Para mim o pó da morte já se havia espalhado por todo o país e todos nós seríamos *nagasaquiados* em poucos anos. Esta idéia começou a atormentar-me como uma obsessão na oficina do Sr. Susumo Udihara, em Chinagava.



V — A TERRA DA UIARA — Às vezes aparecia na oficina o Senhor Minesako Udihara, filho mais velho do patrão, e o seu assunto predileto era uma terra distante e cheia de rios, do outro lado do mundo, onde tinha morado alguns anos. Ele nos garantia que naqueles rios — principalmente no *Pararaparema* — aparecia uma moça bonita como uma gueixa, que morava na água. Era a Uiara. Ele mesmo tinha visto uma e soube, por ela, que os homens mais antigos daquele país tinham ido da Terra do Sol Nascente para lá! Naquele país de árvores altas ninguém morria do mal de Nagasáqui.

Trabalhei muito na oficina Udihara e transformei-me num mecânico hábil. Mas o idoso Susumo não tinha o dom da imortalidade: em fins de 49 adoeceu e poucos dias depois os seus calcanhares uniam-se. O seu filho mais velho, Senhor Minesako, já tinha a essa altura voltado para a terra dos grandes rios e por isso a oficina foi fechada. O casal tivera outro filho — Asami — que jazia no bojo de

